

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DA LEITURA

Sileide Mendes da Silva ¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da contação dos contos infantis para o desenvolvimento da leitura na Educação Infantil, bem como compreender como o mundo literário participa de nossas vidas, transvestido de diferentes formas. Fundamentado na pesquisa bibliográfica, trouxe autores como Sisto (2005), Benjamin (1994), que enfatizaram a contação de histórias como um dos meios mais antigos de interação humana, utilizada desde os primórdios da humanidade para, por intermédio da linguagem, transmitir conhecimentos, estimular a imaginação e a fantasia – necessidades básicas do ser humano - e utilizada também para transmitir valores morais, além de disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura. Através das histórias, as pessoas galgam a oportunidade de se tornar leitores assíduos e competentes linguisticamente, além de poder caminhar por uma estrada infinita de descobertas e compreensão do mundo. Partindo destas pressuposições. Diante dessas considerações, pode-se constatar que a contação de histórias é de grande relevância, devendo ser valorizada e desenvolvida no ambiente escolar para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Leitor. Habilidades.

ABSTRACT: This paper aims to highlight the importance of storytelling contribution of children's stories for the development of reading in kindergarten, as well as understand how the literary world participates in drag our lives in different ways. Based on the literature, brought writers who emphasized the storytelling as one of the oldest means of human interaction, used since mankind's beginning to, through language, convey knowledge, stimulate the imagination and fantasy - basic needs of the human - and used to transmit moral values, as well as discipline and develop an interest in reading. Through the stories, people galgam the opportunity to become regulars and linguistically competent readers, and you can walk an endless road of discovery and understanding of the world. Starting from these assumptions. In view of these considerations, the storytelling is of great importance and should be valued and developed in the school environment to enhance the imagination, language, attention, memory, love of reading and other human abilities.

Keywords: Storytelling. Childhood education. Reader. skills

¹ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto de Educação Programus; Ensino da Matemática pela Universidade Cândido Mendes, Educação Infantil pela Universidade Cândido Mendes e Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Teologia Hokemãh-FATEH. Professora da Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN), Remanso Bahia. E-mail: sileidemendes.uneb@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os contos infantis provocam no leitor um resultado duplo: aciona a sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê.

Nesse sentido, introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências. Facilita levar a criança a mergulhar dentro de si, e trazer para fora todo o desejo de aprendizagem latente.

Assim, a escolha do tema ocorreu devido a um grande interesse por pesquisar as especificidades dos contos infantis, buscando fundamentar, através dessas, a importância de se estimular, desde cedo, na formação das crianças, o contato com os mais variados contos infantis. Como também, o intuito de oferecer, aos futuros professores, um suporte teórico que os permita selecionar adequadamente textos a serem apresentados em sala de aula.

O tema do referido trabalho é relevante para os professores, coordenadores e gestores, pois a partir do momento que favorecem as crianças a oportunidade de conhecerem e fazerem parte do fabuloso mundo dos contos infantis, futuramente não se terá tantas reclamações da ausência de leitura e a enorme dificuldade de se interpretar um texto onde muitas vezes o aluno se torna um jovem universitário que não quer saber da leitura acadêmica e se torna um profissional por conveniência, alienado da realidade, sendo apenas um decodificador de palavras.

A aproximação da criança com a Literatura Infantil é algo mágico e transformador, pois esta é um universo artístico incomensurável, capaz de conduzir os pequenos para um mundo mágico e fantástico, mas sem deixar de vinculá-los com a realidade. As histórias oferecem curiosidade, estimula a criatividade, o desejo pelo novo, pelos mistérios e fantasias... Todo este mundo deve ser apresentado à criança em pequenas doses, cuidadosamente para que estas percebam como a leitura pode lhes oferecer prazer.

Embasado na pesquisa bibliográfica, o artigo trouxe a seguinte problemática: Como os contos infantis podem contribuir no Processo de Leitura dos Estudantes de Educação Infantil?

O referido trabalho tem como objetivo geral: evidenciar a importância da contribuição da contação dos contos infantis para o desenvolvimento da leitura na Educação Infantil, bem como compreender como o mundo literário participa de nossas vidas transvestido de diferentes formas.

2 O ATO DE CONTAR E A CONSTITUIÇÃO DE LEITORES

O ato de contar história pode ser dimensionado como exemplo de uma atividade feita por meio de outra produção, nesse caso todo o texto narrado tem autoria, por mais que o escritor seja desconhecido. O contador, ao saber disso, faz com que o texto inicial adquira uma maneira específica de narração. A memorização pelo menos de fragmento do texto é essencial e não pode ser desconsiderada pelo contador da história.

A memória, divindade da narrativa, era e permanece sendo, o fundamento da tradição nessa maneira de transmissão. Conforme Sisto (2005, p.60) “decorar, muitas vezes compromete a naturalidade da fala, [...] necessária, sobretudo nos textos mais poéticos.” Com o decorrer do tempo, percebeu-se que ensaios seriam essenciais para tornar melhor a atuação e a espontaneidade no momento de transmitir o texto memorizado.

E, por mais que o contador não reproduza o texto precisamente como esta no papel e/ou como o autor o construiu, ele faz uma atividade de memorização, no momento em que ler outra vez o texto e marca palavras que servirão de orientação no suceder do seu discurso para que possa expor seu texto de forma “improvisado”. O estudo do texto “improvisado” ocasiona um exercício mnemônico (PATRINI, 2005).

Contador é aquele que apresenta o discurso narrativo, isto é, e a voz que sugere, inventa e estimula quem o ouve. O termo contador na sua maneira linguagem quer dizer narrador (HOUAISS, 2009), aquele que dirige a palavra, pois se trata de uma pessoa que tem como papel, em um certo momento, contar a outras pessoas alguma coisa.

Para fazê-lo, precisa atuar, conduzindo detalhadamente a narrativa dos fatos. E alguém que narra pelas palavras, gestos e pelo contexto que cria exercendo assim

o poder de sedução. Transportar o ouvinte a um mundo, por vezes dele desconhecido, e a fatos, alguns deles, por ele percebidos como enigmas.

Um bom contador de histórias deve estimular, em seus ouvintes, a atenção, a curiosidade, a que comparem seus sentimentos e valores com os discorridos pela história, bem como a que compartilhem com os demais colegas suas reações e experienciadas vinculadas a história, além de estimulá-los a imaginar criativamente por intermédio do narrado (SISTO, 2005).

A arte de contar histórias depende, comumente, do poder de atração do contador, poder procedente dos vínculos que ele, ao contar, faz com a vida dos seus ouvintes e da forma como trabalha o objeto, o texto narrado, nem sempre de sua autoria, que forneceu apoio para a sua ação.

Conforme Patrini (2005, p.105), “o ato de narrar significa também o encontro com os mistérios que envolvem o homem e a vida nos diversos momentos de sua existência”. Ainda Benjamin (1994) assim conceitua o narrador:

[...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não em alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio, Pode recorrer ao acervo de toda uma vida [...] Seu dom e poder contar sua vida; sua dignidade e conta-la inteira. O narrador e o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir a mecha de sua vida (BENJAMIN, 1994, p.221).

A imagem do narrador pode ser percebida comparada a de um conselheiro que, com sua sabedoria, direciona seus ouvintes. Sabedoria essa adquirida não unicamente por meio da própria experiência, porém, em grande parte, pela empatia que sentiu quando analisou as experiências dos outros e as absorveu no seu íntimo.

Conforme Benjamin (1994) aborda, “[...] a arte de contar histórias se perdeu porque as pessoas perderam o dom de ouvir [...]”. Sabe-se que o visual se faz muito presente na sociedade moderna e a intensidade e diversidade das imagens encantam, fazem esquecer da escuta. As pessoas falam e ouvem bastante, mas estão pouco propensos ao ato de escutar.

No entanto, vive-se num mundo onde os vínculos interpessoais mais intensos se fundamentam na escuta. Pela velocidade e ligeireza com que se vive o cotidiano, deixa-se de se perceber enquanto sujeitos “de” e “em” relação. Por isso, acredita-se que as pessoas necessitam aprender a escutar.

A prática com as narrativas orais, ou seja, com a contação de história dentro dos estabelecimentos escolares, seja em uma ocasião de roda ou na Hora do Conto

normalmente desenvolvido nos pátios ou em outro local, pode favorecer o (re)aprender a escutar. No instante em que o contador narra a história, ele estabelece um vínculo entre o texto e o ouvinte e este necessita se situar com a disposição de escuta.

Esta condição potencializadora de estimular o ouvinte para a escuta do narrado e de si mesmo, estabelecida pelo contador, pode ser favorável para a organização de futuros leitores avaliadores e críticos.

Logo, buscar a arte de contar histórias, além de incentivar a escuta, relevante para a propícia convivência social e para uma adequada leitura, favorece as pessoas que escutam o (re) encontro como o novo. Nesta situação, o imaginário e a criatividade são potencializados em um misturar de experiências e magia, pois o ouvinte poderá realizar a leitura como imagens a *performance* da fala do narrador.

Sob essa expectativa, a forma como o contador dirige sua narrativa pode conduzir o ouvinte a notar que diversas dessas histórias contadas estão disponíveis em outros apoios de leitura, que podem ser acessados, independente, por exemplo, em bibliotecas instituições escolares privadas e públicas.

A mediação entre o texto a ser lido e a pessoa leitora é um item pouco estudado no âmbito da Educação. Apesar de o professor ser o agente educativo mais investigado (BRZEZINSKI, 2009), pois é o mediador mais relevante para o estudante e o responsável pela sua formação pessoal e social no interior da instituição escolar, poucos tem sido os trabalhos de pesquisas que enfatizam como eixo principal o professor como mediador da leitura.

Concorda-se com as ideias Mellouki e Gauthier (2004, p.23) que, por entendem que professor “como o principal mediador e interprete crítico da cultura. O professor é seu mandato de mediador, herdeiro, interprete e crítico”. Nele, avaliam a função do professor na instituição escolar concebida, no sentido abrangente do termo, como uma instituição cultural. No contexto escolar, no entanto, deve-se considerar a presença e a função de outros mediadores da leitura.

Dentre outros mediadores, destacam-se a família, os livros didáticos, as editoras, os críticos da literatura, as obras de literatura disponíveis, a contação de histórias.

De acordo Paim e Prigol (2009), a relevância da figura do mediador como básico para a formação do leitor principiou a ser abordada em meados dos anos de 1990. Uma das produções feitas sobre mediação da leitura, com ênfase para os

mediadores institucionais e não institucionais, é o livro *Leitura: mediação e mediador*, dos autores Maria Helena T. C. de Barros, Sueli Bortolin e Rovilson Jose da Silva, no qual os autores aborda uma reflexão sobre a função dos mediadores.

Partindo da verificação feita por esses autores, torna-se relevante enfatizar alguns aspectos e dimensões concernentes da mediação da leitura que pode ser efetivados pelos professores nos contextos escolares.

Mediar é intervir e o mediador da leitura é aquele capaz de fazer proceder o próprio objeto de leitura até o leitor, preferencialmente de maneira eficiente, ou seja, mediador é aquele que intermedeia o encontro entre a pessoa (leitor) e objeto (objeto a ser lido), independente do apoio e do texto.

Conforme Paim e Prigol (2009), nos últimos anos a mediação entre os objetos e as pessoas tornou-se suporte para a análise da formação do aluno leitor, pois ela fixa variada das dimensões do encontro entre o futuro leitor e o objeto a ser lido, seja um texto literário ou outro objeto qualquer.

No caso, faz-se essencial um olhar atencioso ao estudante que, pelo espaço e poder que ocupa no meio escolar, é um dos responsáveis mais relevantes na formação do estudante, de forma especial como leitor. Conforme Silva (2006a):

É preciso que se volte à atenção para esse profissional, que sua prática seja perscrutada a ponto de se compreender o âmbito de sua ação e, ao mesmo tempo, possa subsidiar teoricamente o contar histórias, o promover a leitura e a literatura no ensino fundamental principalmente nas quatro séries iniciais (SILVA, 2006a, p.89).

O que com comumente se tem analisado em instituições escolares e uma mediação da leitura limitada à sua utilização benéfica, com o objetivo principal de aquisição e ampliação de conhecimentos relevantes para os conteúdos curriculares, empregada, muitas vezes, como causa que fundamenta os bons modos e a transmissão de valores.

No entanto, os textos ou qualquer objeto, quando escolhidos para leitura, favorecem a quem os ler a possibilidade de construir sentidos variados dos abordados pelo autor, de comparar seus saberes e valores com os que lhe parecem manifestos pelo texto. O leitor pode ler imagens, sons, gestos como também, textos instrutivos, informativos, de diversão e educativos. Compete, porém, ao mediador apresentar e incentivar a leitura de variados tipos de texto e/ou objetos para leitura.

Indispensável se torna, então, que professores, pedagogos, pais, enfim, todos aqueles que desempenham o papel de mediadores da leitura estejam cientes de que o grande problema da não-leitura não esta na falta da satisfação e, sim, na falta de ferramentas e da interposição dessas ferramentas. Existem muitas pessoas que não têm acesso aos livros por falta de recursos financeiras e/ou ate mesmo pela falta de bibliotecas publicas onde mora.

É fator preponderante, também, que, como mediadores, disponham de embasamentos teóricos sobre Leitura e Literatura, sobre os livros disponíveis, sobre os resultados dos julgamentos da mídia, para que possam praticar de forma efetiva o papel que lhes cabe na formação de leitores.

Morais (1996) salienta que a primeira etapa para a leitura e a audição de textos de livros é a mediação feita pela contação de histórias, praticada no âmbito escolar.

Essa modalidade de encontro com textos escritos, causada por um mediador da leitura, ocasiona resultados nos aspectos afetivo, cognitivo e linguístico, relevantes para a formação dos leitores. Cognitivamente, fornece espaço para o conhecimento e para os saberes do ouvinte, pois como verificado anteriormente, as historias possibilitam que ele firme vínculos entre as próprias experiências e as vividas pelos personagens, algumas delas difíceis de serem experienciadas no dia a dia.

Mais importante, ainda talvez, pela própria estrutura da historia contada, pelas questões e comentários que ela sugere, pelos resumos que provoca, ela ensina a compreender melhor os fatos e os atos, a melhor organizar e reter a informação, a melhor elaborar os roteiros e os esquemas mentais (MORAIS, 1996, p.171).

No aspecto linguistico, a audição dos textos, por exemplo, de livros, possibilita ao leitor, aprender e desenvolver organizações de frases e textos, bem como aumentar seu repertorio de palavras. Essa audição favorece, ainda, que o ouvinte compreenda a uma variedade de vínculos entre a língua falada e a escrita como, por exemplo, sobre a utilização e os efeitos de sinais de pontuação, os sentidos que podem ser atribuídos a um texto, entre inúmeros outros.

No aspecto afetivo, o ouvinte dessas histórias, no caso específico a criança, descobre o universo da leitura pela voz de um leitor, isto é, pela voz do mediador, preferencialmente, daquele por quem alimenta confiança, sejam seus familiares ou professor. Este vínculo afetivo entre o ouvinte, futuro leitor de textos escritos, e o

mediador atinge a intensidade das modificações, especificamente das que dizem respeito aos aspectos cognitivos e linguísticos.

É no ato de contar uma história em voz alta que o mediador pode possibilitar que o ouvinte firme vínculos com os colegas. Mesmo tendo conhecimento que incentivos para o aspecto intelectual possui relação mútua ao êxito da aprendizagem, no caso da leitura, não se deve direcionar os olhos unicamente para esses resultados cognitivos. De acordo com Morais (1996, p.172): “ao ler para a criança não nos tornemos seu instrutor, quer sejamos pais ou professor. Nada melhor do que ter como meta seu prazer [...]”.

Para tanto, é função das escolas proporcionarem espaços propícios para que aconteça o encontro entre o leitor e os livros. Conforme Silva (2006a):

[...] cumpre a escola proporcionar espaços que favoreçam a criança a encontrar-se com o livro, sem cobranças desnecessárias, de modo que a leitura seja incorporada na vida da criança como tantas outras convivências importantes para o seu desenvolvimento (SILVA, 2006a, p.95).

Levando em conta todos os aspectos possíveis de serem atingidos pela atividade da contação de história, compete ao mediador e a instituição escolar oferecer situações satisfatórias de leitura para que no futuro estes pequenos leitores procurem, por si próprio, seus percursos literários, desfrutando daquilo que veio ao encontro de suas buscas e sentindo gosto em apenas ler.

2.1 O espaço do conto infantil na educação infantil

No decorrer da formação das pessoas e da própria experiência com crianças, denominadamente no âmbito do estágio pedagógico, dá-se conta da grande relevância dos contos infantis para as crianças, especialmente às menores. As histórias infantis quer contadas oralmente, quer lidas por pessoas adultas ou pela própria criança, influenciam de modo muito relevante na vida das crianças, auxiliando para um desenvolvimento saudável da sua personalidade.

É interessante perceber que na cultura brasileira, o hábito de contar histórias estava profundamente arraigado nas famílias e comunidades. Quase todas as pessoas mais velhas se lembram na sua fase de infância de crianças reunidas para ouvir histórias contadas por seus avós ou tios ou simplesmente, por pessoas que tinham o talento de contar, de encantar os contos.

Atualmente, tal como em diversas outras sociedades, as modificações que se analisaram demandaram novas maneiras de organizar o tempo e a vida das crianças. Especialmente nas cidades, os vizinhos já não se agrupam, a diversão essencial nas residências é a televisão, acompanhada dos jogos de computador, e as histórias quando chegam às crianças é, sobretudo através dos desenhos animados ou dos livros (ABRAMOVICH, 2006, p.34)

Sabe-se que o primeiro contato que a criança tem com a leitura é por meio da audição, uma pessoa lendo para ela. É por intermédio dessa prática que a leitura vai se apresentando para a criança.

Quando chega à instituição escolar, a criança encontrará por meio da leitura, um mundo mágico, povoado por seres extraordinários e que chamam a atenção dela.

“A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo” (MARTINS, 1994, p.25). Por essa razão, observa-se que é função essencial da escola ensinar a ler. É função indispensável da escola ampliar o domínio da leitura e encaminhar por meio dos professores a escolha dos materiais de leitura. Compete formalmente à instituição escolar desenvolver os vínculos entre leitura e a pessoa em todos os seus aspectos.

Na etapa da Educação Infantil, a apresentação da leitura tem por objetivo de vir acompanhada de paixão viva pelo educador, e este, deve atuar como mediador para que a leitura evolua com toda eficácia entre as crianças. “Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2007, p. 15).

Ao ouvir a leitura ou contação de uma história, as crianças, mesmo em silêncio, participam de maneira ativa do enredo narrativo, conseguem caracterizar as personagens e participa da linguagem em que o relato vai sendo feito.

Na prática pedagógica de muitos educadores, o objetivo que se procura atingir na formação do leitor é que a criança consiga divertir-se, chorar, admirar-se, ficar extasiada diante de uma história envolvente que ouve ou que lê.

A primeira interação com a leitura deve ser uma fonte de diversão, prazer e valorização da própria leitura. Algumas crianças têm a sorte de morar numa residência que a leitura se faz presente desde berço. Outras só têm a sorte de encontrá-la ao chegar à escola. É muito relevante que pais e professores valorizem e estimulem o ato de ler.

É habitual ver crianças da Educação Infantil que têm exemplos de leitores em casa, pegar um livro e começar a lê-lo sem saber ler. De acordo com Lajolo (2002, p. 7): “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mas intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. O incentivo ou estímulo é a peça fundamental para formar leitores.

O tempo que o professor tem disponível em contato com as crianças dentro da escola é muito precioso e no decorrer desse tempo, ele deve sugerir situações para que estas possam vivenciar e tornar-se leitores apaixonados pela leitura.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.58): “Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço”.

Esse empenho deve ser entendido como do professor na procura de fazer uma apresentação da leitura de maneira sedutora, estimulando nas crianças curiosidades, simpatia e admiração pelo livro. Também deve ser entendido como do estudante, no sentido dele querer aprender a ler, gostar de ler e também dos incentivos dos pais que fará diferença na formação de crianças leitoras.

Conforme o Referencial curricular nacional para a Educação Infantil (1998):

O ato de ler é cultural. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto para a beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, etc) e pela escrita (BRASIL, 1998, p.135).

É interessante que os educadores da Educação Infantil estruturem um ambiente especial para os livros na sala de aula, criem rodas de leituras, num ambiente aconchegante e prepare um ambiente que entusiasme os estudantes, fazendo com que eles construam um vínculo divertido com a leitura. Os educadores podem e devem ler contos de fadas para estimular as crianças.

3 OS CONTOS INFANTIS E A EDUCAÇÃO

Infelizmente, muitos pais querem ver seus filhos com a cabeça funcionando racionalmente como a deles, e acreditam que a sua maturidade depende necessariamente do ensinamento proporcionado pela maioria das escolas que, via

de regra, na sociedade moderna, pouco fazem além de repassar um assunto pedagógico sem levar em conta os significados para a vida da criança

Os pais deixam de lado de explorar os sentimentos como integrante essencial da constituição do caráter e, ainda que bem alfabetizem, algumas escolas não levam em conta os contos de fadas como se esses só ocasionassem confusões quanto aos conceitos concretos da vivência que devem ser ensinados às crianças cotidianamente (ZILBERMAN, 1995, p.25).

A sabedoria, afinal, não é coisa que nasça pronta e acabada é, antes, algo delicado, que se constrói desde os tenros períodos da infância e que passa precisamente por uma fase de extraordinário potencial, o qual só se desenvolverá de forma adequada num bem explorado e maduro psiquismo. Obrigatoriamente, isso leva à precisão de lidar com os sentimentos.

O mundo interior, desconhecido pela consciência intelectualizada, encerra segredos legítimos, guarda metade de nós mesmos, e sua assimilação é essencial para todo aquele que almeje conhecer-se melhor ou que esteja procurando soluções justas para os enigmas da existência

Os contos de fadas exercem importante papel: eles são uma expressão cristalina e simples de nosso mundo psicológico profundo. De estruturas mais simples que os mitos e as lendas, mas de conteúdo muito mais rico do que o teor moral encontrado na maioria das fábulas, são os contos de fadas a fórmula mágica capaz de envolver a atenção das crianças e despertar-lhes sentimentos e valores intuitivos que clamam por um desenvolvimento justo, tão pleno quanto possa vir a ser o do prestigiado intelecto cotidianamente (ZILBERMAN, 1995, p.32).

Não fossem assim tão verdadeiros, ao simbolizar o percurso pessoal de desenvolvimento, apresentar as situações críticas de opção que invariavelmente se encara, não estimulariam nem ao menos o interesse nas crianças que procuram neles, além do entretenimento, um aprendizado adequado à sua segurança.

Nesse processo, cada criança depreende suas próprias lições dos contos de fadas que ouve, sempre de acordo com seu momento de vida. Elas extraem das narrativas, ainda que inconscientemente, o que de melhor possa aproveitar para ser aí aplicado

Os vínculos entre literatura e escola possuem aspectos comuns e opostos; as duas são de natureza formativa e divergente, pois a escola procura mudar a realidade viva e sintetizá-la nas disciplinas. Nesse processo de síntese, interrompem-se as relações com a vida atual. Já a literatura infantil sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente (ZILBERMAN, 1995, p.32).

O professor necessita estar consciente dessas questões e trabalhar para que o vínculo literatura e escola ocorra de maneira harmônica. Um dos passos que necessita ser bem construído refere-se a escolha dos textos e a adequação a faixa etária do leitor.

3.1 Contos de fadas uma porta para a leitura

Os contos de fadas fazem parte da literatura infantil e, por meio de suas narrações, possibilitam que os pequenos ouvintes criem interesses pela prática da leitura.

Conforme Coelho (2000) é relevante que ao fazer uma contação de histórias a meta principal seja o de conduzir as crianças a desenvolverem a sua própria linguagem verbal ou sua criatividade latente, e de forma conseqüente ocorrerá uma dinamização na sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o cerca. Os contos de fadas passaram por diversas fases e agora tem uma função muito relevante que é a de ajudar na formação da criança

Assim como obras de arte, os contos de fadas têm muitos aspectos dignos de serem explorados em acréscimo ao significado psicológico e impacto a que o livro está destinado. A herança cultural de um povo encontra comunicação com a mente infantil através deles (BETTELHEIM, 1980, p.37).

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada repassam à criança de maneira diversa: que um embate contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência das pessoas - mas que se a pessoa não se intimide, mas se defronte de maneira firme para com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas ela dominará todas as dificuldades e, ao fim, surgirá vitoriosa .

Nesse aspecto, os contos auxiliam a desenvolver a leitura. A contação de histórias tem o papel de estimular a leitura e o desfrute da literatura como arte, almejando-se repassar valores que fixam atitudes éticas, que possibilitam a melhor convivência no espaço escolar.

A visão mágica dos contos de fadas deixou de ser algo limitado das crianças, para ser consumida pelos adultos. Variados contos de fadas como “*A bela adormecida*”, “*Rapunzel*”, “*Chapeuzinho Vermelho*” e muitas outras narrativas que,

às vezes, podem parecer infantil, divertido ou absurdo, na realidade, transportam uma significativa herança de significados ocultos e indispensáveis para a vida.

Os contos abrem espaços para que as crianças deem acesso ao imaginário e estimulam a curiosidade, que logo é respondida no seu suceder. É uma possibilidade de descobrir o mundo repleto dos conflitos, das dificuldades, das soluções que todos vivem e passam de uma forma ou de outra, por meio dos problemas que vão sendo defrontados, encarados e solucionados pelos personagens.

4 METODOLOGIA

A fim de se obter um entendimento mais aprofundado da temática em discussão, fez-se preciso a busca em fontes diversas. Dessa forma, acredita-se ter abarcado tais fontes e ter o objetivo alcançado: atingir um conhecimento mais abrangente do objeto de pesquisa.

Para Gil (1994, p. 71), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica possibilitou conhecer os conceitos acerca do tema, os diversos tipos de opiniões dos autores e a criação de um novo olhar sobre os estudos pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado deve-se apresentar aos alunos um convite para entrar no mundo da imaginação a cada livro aberto e a cada história contada. E nesses percursos de viagens imbuídas de emoção e reflexão, causar neles o desejo de silenciar o coração e escutar com os olhos as palavras pronunciadas pelo corpo e gestos do professor-contador.

Desenvolver o prazer nos alunos demanda um esforço tanto dos professores, quanto da família, uma vez que é no meio familiar que a criança tem a primeira interação com a leitura. Ela lê os gestos da mãe, o timbre no som da voz e suas atitudes nos primeiros anos de vida, e, depois, vai ampliando a sua forma de ler, organizando-se assim continuamente como um leitor.

Ao entrar na instituição escolar, a criança, em específico dos iniciais, ou seja, específico dos anos iniciais começa a passar por um processo de letramento extremamente relevante para ela. E é neste momento que o professor deve estar atento para desenvolver a vontade e o prazer pelo ato de ler. Os alunos, nesta fase, preferem ler sozinhos, uma vez que já conseguem decodificar os signos da escrita, e isso lhes proporciona muito prazer.

Levando em conta o prazer da criança em fazer leituras literárias e as criações literárias atuais que objetivam formar um leitor crítico, faz-se essencial que o professor em suas práticas educativas estimule cada vez mais este aluno leitor demonstrando-lhe obras literárias que estimulem sua fantasia, possibilitando-lhe entrar no mundo de magia, realidade e descobrimento.

Esse mundo de fantasia e realidade pode favorecer ao aluno um interesse maior para a leitura, interpretação/compreensão, além de ajudar com o desenvolvimento da capacidade de observação e comunicação.

A presente pesquisa abordou que a contação de histórias é uma dentre as práticas de leitura e uma ferramenta importante, se aproximem dos outros e do mundo.

Mas para que esse recurso alcance esses objetivos é necessário que o professor execute com satisfação essa contação. Não é preciso simplesmente ler o texto que optou ou, sobretudo indicado para ler para seus alunos necessita realizá-lo com maestria: ler para a outra pessoa com emoção, estimulando emoções, inquietações, a satisfação e o prazer. Ao assim proceder, de certo, seus alunos irão desenvolver comportamentos positivos referente a leitura e passarão a admirar os textos feitos por outras pessoas, ou seja, se envolverão nos textos com espanto misturado a prazer.

Para que os mediadores para a formação de leitores, no caso professores e bibliotecários, possam proporcionar essa formação, necessitam ser leitores. Não quaisquer, mas deles deve ser requerida a formação profissional para a respectiva prática.

Assim, os contos ajudam na formação da personalidade, para o equilíbrio emocional, isto é, para o bem estar da criança, pois por meio de suas personagens boas e ruins, das dificuldades que estas encaram e os desfechos que nem sempre são felizes para todas as crianças começam a perceber o mundo em que está inserida e todas as dores e satisfações presentes nele, estes contos enfatizam das

verdades globais e individualmente de cada tema que as crianças podem vir a se preocupar em cada etapa da vida.

Além disso, os contos são usados com uma finalidade pedagógica, procurando nivelar a criança e trazê-la à realidade vivida, racional. Os contos de fadas desenvolvem a capacidade de fantasia e imaginação infantil, os contos são para as crianças, o que existe de mais real dentro delas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione; 2006.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In:_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 7 ed, 1994

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998.

BRZEZINSKI, I. Pesquisa sobre formação de profissionais da educação no GT8/Anped: travessia histórica. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. São Paulo. v. 1, n. 1, 2009.

COELHO, Nelly Novaes Coelho. **Literatura Infantil**, 7ª ed. São Paulo: Summus, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss Objetiva, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 11ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. Série fundamentos. 4ed. São Paulo: Ática, 1988.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19, ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MELLOUKI, M'H.; GAUTHIER, C. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, interprete e crítico. **Educação & Sociedade**, Campinas. v. 25. n. 87, 2004.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

PAIM, E. A.; PRIGOL, V. Mediação e formação de leitores. In: **CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL**, 17, 2009.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, J. R. A hora do conto na escola: paradoxos e desafios. In: BARROS, M. H.T.C. ; SILVA , R. J.; BORTOLIN, S. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006a.

SISTO, C. A literatura frequenta a escola... Mas quem conta as histórias? In: PAROLIN, I. C. H. (Org.). **Sou professor!** A formação do professor formador. Curitiba: Positivo, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1995.